

Figura 5. Ficha de registro de Braulino Costa Pinto, cozinheiro. Usina Dom João (1911).

Palm ✓ *Braulin de Castro*



REGISTRO DE EMPREGADOS

N.º de Ordem 7 N.º da Carteira Profissional 62189
Serie 99

Nome Braulino Costa Pinto.
Filiação Antonio Costa e Maria Salomea.
Idade 63 annos
Data do Nascimento 26 / 3º / 1875 Nacionalidade Brasileiro.
Lugar do Nascimento Cidade de Santo Amaro-Estado da Bahia.
Residencia Usina Dom João.
Data de admissão ao serviço 5 / 9º / 1912 Categoria e ocupação habitual Cosinhador. Salario 240\$000.
Jan 1936 343,00
Forma de Pagamento quinzenalmente. Nomes dos beneficiarios Maria Izabel Costa

Assignatura do empregado *Braulino de Costa Pinto*
P. P. RODOLPHO TOURNEO & CIA.
Assignatura do empregador *Rodolpho Palma Tourneio*

Data 15 / 10º / 1938 Data da dispensa 30 de 11 de 14

X

Figura 6. Ficha de registro de André Braz, oficial mecânico, usina Dom João (1914).

Batista de Castro

REGISTRO DE EMPREGADOS

Carr

N.º de Ordem 12 N.º da Carteira Profissional 62182

Serie 98

Operafica

Nome André Braz.

Filiação Braz Eudorico Ferreira e Maria Lourença da Luz.

Idade 45 annos

Data do Nascimento 10 / 12 / 1893 Nacionalidade Brasileiro.

Lugar do Nascimento São Francisco-Estado da Bahia.

Residencia Usina Dom João.

Data de admissão ao serviço 26 / 9 / 1914 Categoria e ocupação habitual Official Mecanico. Salario 7000 diarista

Forma de Pagamento quizenalmente. ^{1890 em 26/10/14} Nomes dos beneficiarios Martinha Ferreira.

Operafica

Assignatura do empregado André Braz

R. P. RODOLFO TOURNEIRO & CIA.

Assignatura do empregador Rodolfo Tourneiro

Data 15 / 10 / 1938 Data da dispensa de de

A partir dos dados levantados, foi possível traçar o perfil de alguns trabalhadores admitidos pela Usina, nos primeiros anos de funcionamento da mesma. Neste sentido, organizamos um quadro contendo as funções em que os trabalhadores estavam inseridos nas três primeiras décadas de funcionamento da Usina.

Tabela 1. Funções dos trabalhadores da Usina Dom João, 1910-1940.

Funções	Frequência	Funções	Frequência
Administrador	1	Fiscal de tráfego	1
Ajudante	3	Foguista de locomotiva	4
Ajudante químico	1	Fundidor	1
Ajustador	2	Gerente de armazém	1
Almoxarifado	2	Jardineiro	1
Auxiliar de escritório	5	Maquinista	7
Balancista	2	Mestre de linha	1
Cabo de linha férrea	3	Oficial mecânico	2
Carapina	3	Operário	17
Chefe de fabricação	1	Pedreiro	2
Comerciário	5	Prático de farmácia	1
Condutor de locomotiva	2	Servente	1
Contador	1	Soldador	1
Cozinheiro	10	Telefonista	1
Destilador	2	Torneiro	4
Eletricista	1	Tratorista	1
Ensacador	1	Triplista	1
Estivador	1	Turbineiro	3
Feitor de linha	1	Vaqueiro	1
Ferreiro	2		
Total			100

Fonte: Livro de registro de empregados da Sociedade Agrícola e Industrial - Usina Dom João, 1910-1940.

Na tabela, observamos funções exercidas pelos trabalhadores entre 1910 e 1940. A Usina Dom João registrou, nesse período, os trabalhadores da unidade industrial, os quais estavam agregados em três setores: transporte, fabricação e

manutenção. Além disso, verificamos o registro de trabalhadores do setor administrativo, que estavam organizados como: administrador, auxiliar de escritório e contador. Notamos que 38% dos trabalhadores exerciam atividades de fabricação (ajudante, balancista, chefe de fabricação, “cozinhador”, destilador, ensacador, operário, servente e ajudante químico); 28% estavam no setor de manutenção (ajustador, eletricista, ferreiro, fundidor, carapina, maquinista, oficial mecânico, soldador, torneiro, turbineiro e pedreiro) e 15% estavam no setor de transportes (cabo de linha férrea, condutor de locomotiva, feitor de linha, fiscal de tráfego, foguista de locomotiva, mestre de linha, tratorista e triplista).


Isto significa que, a parte industrial da Usina, ou seja, o setor de fabricação, era o que comportava o maior número de trabalhadores. E ainda, havia 15% distribuídos no setor administrativo (administrador, almoxarifado, auxiliar de escritório, comerciário, contador e telefonista), e 3% exercendo funções diversificadas (gerente de armazém, jardineiro e prático de farmácia).

É importante ressaltar que as funções ligadas ao trabalho no campo estão ausentes no registro, à exceção de um único de registro de um trabalhador do campo encontrado. Trata-se do “vaqueiro” Francisco de Assis, nascido no ano de 1903, natural de Santo Amaro⁵¹.

⁵¹ Livro de Registro de Empregados da Sociedade Agrícola e Industrial – Usina Dom João, n. ordem 57.

Figura 7. Ficha de registro de Francisco de Assis, vaqueiro. Usina Dom João (1938).

Salvador
Estim. de Bastos



REGISTRO DE EMPREGADOS

N.º de Ordem 57 N.º da Carteira Profissional _____
Serie _____

Nome Francisco de Assis.

Filiação José Antonio Silva e Maria Victoriana da Silva.

Idade 25 annos

Data do Nascimento 25 / 1.º / 1903 Nacionalidade Brasileiro.

Lugar do Nascimento Macaco Benjamin-Cidade de Santo Amaro.

Residência Usina Dom João.

Data de admissão ao serviço 29 / 1.º / 1938 Categoria e ocupação habitual Vaqueiro. Salario 3\$000 diarista.

Forma de Pagamento Quinzenalmente. Nomes dos beneficiarios Maria Clotildes da Luz, José do Carmo Assis, Deoval Assis, Maria Conceição Assis, Maria Isaura Assis, João da Hora Assis e Vivaldo Assis.

Assignatura do empregado *Francisco de Assis*
Cecilia da Silva **P. P. RODOLFO TOURNEAU & CIA.**

Assignatura do empregador *Francisco de Assis*

Data 15 / 10.º / 1938 Data da dispensa 29 de junho de 1939

Sabe-se que, a quantidade de açúcar que uma usina é capaz de produzir ao ano, é um dos elementos pelos quais é possível classificá-la como sendo de pequeno, médio ou grande porte⁵². No Recôncavo baiano a capacidade de moagem das quatro maiores usinas – Terra Nova, Aliança, Rio Fundo e Iguape – circulava entre cerca de 400 toneladas de cana por dia⁵³. De acordo com a capacidade de moagem, as características que detinha, e, também, com a memória dos seus ex-trabalhadores, classificamos a Usina Dom João como tendo sido de médio porte, pois a mesma produzia de 60 a 80 mil sacas de açúcar por ano, conforme foi lembrado:

Na época era a Usina Aliança e Terra Nova, as de maiores porte. Naquele tempo as usinas às vezes produziam menos de 200 mil sacos porque tinha muitas usinas. Depois foi aquelas que tinham maior condição financeira foram aumentando sua capacidade. E hoje tem a usina Aliança (que) tem capacidade hoje pra 1 milhão ou mais de 1 milhão de sacos.(...)

Dom João, Cinco Rios, Passagem, Paranaguá era um pouquinho maior também. Santa Elisa, São Carlos, todas eram usinas de médio porte.

A Usina Dom João era de médio porte. A Cinco Rios um pouco maior que a Usina Dom João. Essas usinas foram se depreciando por (causa) da época de Getúlio em diante, compreendeu? Quando as leis começaram a endurecer, as leis de Previdência Social. Elas tinham uma produção de 50, 60 mil sacas, aí começaram a dizer a usina não pode sobreviver com menos de 200 mil sacos (por moagem)⁵⁴.

No início da década de 40, a Usina, buscando ampliar a sua produção, adquiriu, da Holanda, máquinas modernas, como moendas, caldeiras, turbinas, gerador de energia elétrica e outros equipamentos, o que elevou a produção para cerca de 150

⁵² Sobre a classificação das usinas quanto a produção ver Queda, Oriowaldo. A intervenção do Estado e a agroindústria açucareira paulista. Tese de Doutorado, Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz, USP, 1972. O autor analisou a capacidade de produção de açúcar das usinas do estado de São Paulo. Segundo Quedas, as usinas pequenas eram aquelas que produziam até 40 mil sacos de açúcar ao ano. Enquanto que as usinas de médio porte produziam cerca de 40 a 120 mil sacos de açúcar e as de grande porte produziam acima de 120 mil sacos ao ano.

⁵³ CUNHA, Joaci. Amargo açúcar: aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia (1945-1964). Dissertação de Mestrado, UFBA, 1995, p. 37.

⁵⁴ Depoimento de Agnelo Majestade, Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

mil sacas de açúcar⁵⁵. A produção de açúcar era a principal atividade da Usina Dom João, porém, a mesma desenvolvia atividades complementares. Nequinha do Amaral, ex-funcionário lembra bem que:

Fabricava cachaça e fabricava cal pra vender. Eu mesmo vendi muito cal pra Santo Amaro pra Feira de Santana. O cal era muito bom. Muito bom mesmo tinha muita aceitação. As cidades aqui no Recôncavo compravam aqui. Tinha os barcos que fazia o transporte (...) Santo Amaro. Levavam de barco a cachaça, o cal e o açúcar. A usina tinha 28 barcos que transportavam as mercadorias⁵⁶.

Cachaça e cal eram atividades secundárias desenvolvidas pela Usina. A produção caieira, além de ser comercializada, se destinava também à fabricação de telhas e tijolos, utilizados na construção das casas dos trabalhadores e no reparo da Usina. Esta possuía um dos “dos melhores alambiques do Recôncavo”⁵⁷, que fabricava uma saborosa cachaça, denominada Aguardente Tourinho, e comercializada entre cidades da Bahia, como Santo Amaro, Feira de Santana, e Cachoeira, dentre outras.

A sede da Usina Dom João, com suas 545 tarefas, era formada por terras, fábrica, casas dos trabalhadores e sistema de transportes e comunicação, o que demonstra uma estrutura de indústria moderna. A Usina possuía fazendas próprias que se destinavam à produção de cana-de-açúcar, conforme a memória de trabalhadores:

A Usina Dom João tinha fazendas próprias: Engenho Novo, Quincengo/São José, Marapé, Macaco, Dom João e Conquista. Depois comprou Santa Catarina aqui em cima. E tinha fornecedores: Tenente Manoel Teodoro Sá Barreto, Fazenda Wanick. Depois tinha Vicente Porciúncula – foi prefeito de São Francisco do Conde por duas vezes - era fornecedor forte. Tinha

⁵⁵ Informação extraída do depoimento de Florisval Majestade. Santo Amaro 15 de abril de 2004. Depoimentos de outros ex-trabalhadores da usina Dom João também foram utilizados.

⁵⁶ Depoimento de Manoel Ezequiel do Amaral Júnior. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de julho de 2005.

⁵⁷ Depoimento de Florisval Majestade. Santo Amaro, Bahia, 15 de abril de 2004.

fazenda Engenho D'água, Fazenda Guaíba. Tinha a (fazenda) Paramirim que fornecia (cana-de-açúcar) a Dom João⁵⁸.

Além de produzir sua própria matéria-prima, a Dom João estabeleceu uma integração vertical com outros usineiros, através da compra de cana-de-açúcar cultivada em outras fazendas, e por outros fornecedores, conforme depoimentos dos seus ex-trabalhadores:

Tinha os fornecedores e lavradores. Fornecedores era esse número de pessoas que tinham terras próprias e que forneciam (cana-de-açúcar) e lavradores eram aqueles que trabalhavam com a terra da própria usina. Da sua própria produção chamamos de cana própria. Dos fornecedores são canas compradas e canas próprias que é da própria usina⁵⁹.

As canas produzidas pela usina eram chamadas de “canas próprias”, e as adquiridas através de fornecedores eram chamadas de “canas compradas”. Os fornecedores eram lavradores que cultivava cana-de-açúcar em terras próprias, ou em terras arrendadas, fornecendo por mais de três safras a um determinado produtor⁶⁰.

As fazendas possuíam uma organização e estrutura própria, para a produção de cana e açúcar. Havia plantações de cana e criação de animais, especialmente o gado, que tinha um papel fundamental como meio de transporte das canas. As casas dos trabalhadores, balanças e veículos, eram itens que faziam parte de um complexo e variado conjunto de atividades, que envolviam todas as etapas da produção de açúcar, desde o plantio da matéria-prima até a obtenção do produto final.

No funcionamento da Usina estavam interligados o setor industrial (incluindo os setores de fabricação, de transporte, de manutenção industrial), o setor agrícola

⁵⁸ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004

⁵⁹ Depoimento Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

⁶⁰ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

destinado ao plantio de cana-de-açúcar, as casas pertencentes ao proprietário da Usina e sua parentela, as casas dos operários, as casas de trabalhadores, e uma dinâmica comercial, com o funcionamento de um grande armazém de propriedade da empresa e uma feira, controlada pela administração, que funcionava aos domingos. Havia também uma capela, um “pequeno Posto Médico, sem médico”⁶¹, e uma pequena escola. Nas linhas seguintes iremos conhecer mais acerca da mão-de-obra contratada pela Usina⁶².

⁶¹ Revista Brasil Açucareiro. Ano XXXVI, vol. LXXII, março de 1950, Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

⁶² Sobre a lavoura açucareira no Recôncavo baiano ver BARICKMAN, B. J. Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão, 1780-1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 40; Walter Fraga Filho, Nas encruzilhadas da liberdade: histórias e trajetórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910. Campinas: Tese de doutorado, 2004, p. 23-26; Kátia Matoso, Bahia a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX, p. 239-377; COSTA PINTO, L. A. Recôncavo: laboratório de uma experiência humana. Salvador: Editora Costa Pinto, 1997, 2ª edição, p. 39-48.

CAPÍTULO II

O cara que trabalhava no canavial ele não tinha direito a quase nada. Porque naquele tempo se trabalhava, como diz a gíria, “avulso”, né? O cara cortava a cana por quilo, por tonelada de cana, a tonelada de cana. Então, o cortador de cana ele ganhava pelo o que ele fazia, pelo o que ele produzia. Se ele cortasse mil quilos hoje e não fosse trabalhar o resto da semana, ele só ganhava aqueles mil quilos. O cara que enchia o caminhão – que hoje tem a máquina que enche o caminhão – ele ganhava também por tonelada, era um trabalho braçal, ele enchia caminhão no braço não tinha a máquina pra encher o caminhão, entendeu? Então, o cara que despalhava a cana – também tem o cara pra despallar, pra tirar aquelas palhas secas pra poder a cana crescer rápido (...) pra cana ficar tudo limpinho assim – ele ganhava por tarefa né? Então media quantas tarefas nos canaviais eles despalharam. Pra limpar cana também, era por tarefa pra capinar, pra deixar as canas tudo limpinha assim, os canaviais tudo limpo. Ele ganhava assim por tarefa. Ele não ganhava como um funcionário que ganhava um salário mensal ou quinzenal seja lá como for⁶³.

Trabalhadores temporários e trabalhadores fixos

O açúcar é um produto resultante de um complexo de operações, que envolve duas grandes unidades de produção, distintas e interligadas: os operários, que atuam no setor industrial, e os trabalhadores rurais, que trabalham nas unidades agrícolas. A parte industrial comporta três setores: fabricação, transportes e manutenção. A unidade agrícola agrega as fazendas responsáveis pela produção e fornecimento de cana à unidade industrial.

Devido ao caráter sazonal da atividade açucareira, a Usina Dom João admitia um contingente diferenciado de trabalhadores: os trabalhadores fixos e os trabalhadores temporários. Os trabalhadores fixos trabalhavam o ano inteiro, podiam exercer funções qualificadas ou não, e residiam em casas cedidas pela Usina. A maior parte dos

⁶³ Depoimento de José Joaquim Santos Pena. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005.

trabalhadores fixos residia na vila operária Dom João, enquanto que um grupo menor, os trabalhadores rurais, morava nas fazendas que produziam e forneciam canas. É sobre esses dois grupos específicos de trabalhadores, e aspectos do cotidiano deles, que iremos falar nas linhas seguintes.

As informações levantadas sobre a existência dos trabalhadores temporários, se deram, unicamente, pelas memórias dos trabalhadores fixos. Infelizmente, durante a pesquisa, não foi possível localizar nenhum ex-trabalhador temporário, e, além disso, a quantidade significativa de fontes documentais escritas também não trouxe nenhuma informação a respeito desse tipo de mão-de-obra contratada pela Usina. Assim, ressalta-se que, diante da ausência de registros escritos, há o registro presente exclusivamente nas memórias dos trabalhadores efetivos da usina Dom João.

Como dito, anteriormente, o caráter sazonal da produção do açúcar é um fator que determina a divisão entre aqueles que trabalham o ano inteiro e aqueles que prestam serviço por um período determinado:

Aqui no Recôncavo a usina moe de setembro a abril no máximo. E o resto é o período de reparo da usina, período de plantação e período de inverno, que é praticado a produção de cana, transporte de cana no período de inverno. O massapé é ingrato. O inverno é um período de reparo. A usina após seis, sete, oito meses e nesses meses para ela se reforma, muda peças, faz novas caldeiras, muda de moendas, faz todo tipo de reparo porque é um período de serviço intenso. E aí, estraga. Tem que encher dente de moagem, de moendas, etc. Por isso que demora porque às vezes manda peças pro exterior, pra outros estados, pra São Paulo, até pro exterior produz máquinas das usinas⁶⁴.

No Recôncavo baiano, no período entre setembro a março, as usinas funcionavam transportando e moendo cana. Era o período da safra, durante o qual, o trabalho intensificava-se. No setor agrícola iniciava-se o corte da cana. Após o corte, a

⁶⁴ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

cana era transportada em burros e carros de boi, e, em seguida, era pesada e armazenada em vagões, com capacidade de até cinco mil quilos.

No setor industrial a produção começava todo vapor. A intensificação do trabalho no período da safra exigia um número de braços, além do que a Usina dispunha. Por isso, fazia-se necessário contratar mão-de-obra extra, para que não houvesse prejuízos, uma vez que a cana-de-açúcar, após sua colheita, deve ser moída no máximo em 48 horas, por causa da perda gradativa do teor de sacarose. A solução estava em absorver uma mão-de-obra temporária, somente no período da safra, e que não mantivesse vínculo empregatício. Dessa maneira, a utilização de trabalhadores temporários era grande, conforme foi relatado por diversos ex-trabalhadores:

Tinha esse tipo de trabalhador, o provisório. Esse pessoal vinha de Cachoeira, São Félix, Muritiba. Vinha também ali de Berimbau. Vinha também muita gente do Sertão pra cortar cana⁶⁵.

Na época da moagem vinha aquele pessoal tudo do sertão trabalhar na usina. Era muita gente. Mas vinha também gente daqui de perto, de Cachoeira, de São Gonçalo, São Felipe. Mas, a maioria vinha de lá do sertão mesmo⁶⁶.

Vinha muita gente de fora. Vinha de fora pra trabalhar no canavial. Vinha gente aqui de Santo Amaro, vinha gente do Sertão, ali de Santa Bárbara, vinha gente de Cachoeira, vinha gente do Recôncavo também, de Muritiba⁶⁷.

Eram contratados na época de colheita. Na época de colheita aumenta muito em todos os setores na agricultura em geral⁶⁸.

⁶⁵ Depoimento de Raimunda Negreiros Santo Amaro, Bahia. Santo Amaro, Bahia, 14 de abril de 2004.

⁶⁶ Depoimento de Zilar do Amaral. João. São Francisco do Conde, Bahia, 06 de abril de 2004.

⁶⁷ Depoimento de Gildete Santos Pena. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005.

⁶⁸ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro Bahia, 10 de outubro de 2004.

Os trabalhadores temporários prestavam serviço no período da safra, e eram dispensados no período da entressafra. Trabalhavam no corte de cana e em diversos serviços do campo:

Eles permaneciam pra o corte da cana. Eles ficavam pra cortar cana novamente com aqueles que eram da região. Eles ficavam pra cortar cana porque usavam os animais com aqueles ganchos pra carregar cana. Eles cortavam cana, enchia o caminhão pra levar pra usina quando a fazenda era distante, né?⁶⁹.

Grande parte dessa mão-de-obra era de áreas onde se concentravam as secas nordestinas, o chamado “Polígono da seca”. Mas, também de áreas anexas ao Recôncavo baiano. No período da entressafra retornavam às suas áreas de origem, ou, possivelmente, migravam à procura de trabalho em outros lugares. Segundo vários depoimentos, o contingente de trabalhadores temporários era formado somente por homens:

De quinze em quinze eles ia pra casa voltava na segunda pra retornar ao trabalho. Eles ficavam no barracão. Aqueles que tinham família ia embora. Ia no sábado. Sábado o caminhão enchia de açúcar meu esposo dava a ordem, tomava o nome deles todos, eles viajavam neste caminhão (...) fechava uma quantidade e ia no caminhão (...). Só tinha homem⁷⁰.

A maioria eram chefes de famílias, que nas épocas de estiagem deixavam mulheres e filhos, em busca de trabalho nas áreas de produção açucareira:

Tinha muita gente. Era muita gente que vinha trabalhar de fora. Eles vinham trabalhava na limpeza dos canaviais no inverno. No mês de agosto era a época que a usina começava a esquentar as turbinas, caldeiras e tudo. Aí no mês de agosto o padre ia benzer a

⁶⁹ Depoimento de José Joaquim dos Santos Pena. São Francisco do Conde, Bahia 30 de novembro de 2005.

⁷⁰ Depoimento de Gildete Santos Pena. São Francisco do Conde, 30 de novembro de 2005.

usina pra começar a funcionar, a moer o açúcar. Eles (o trabalhadores temporários) ganhava por quinzena, então quando eles completava a quinzena que eles ganhava o dinheiro eles ia levar pra a família⁷¹.

É interessante notar, com a intenção de perceber possíveis continuidades, que a utilização da mão-de-obra temporária foi uma prática utilizada também nos engenhos de açúcar da Bahia, desde o século XIX. Como observou Walter Fraga, nas estações secas, os engenhos podiam contar com a oferta de mão-obra livre de populações que migravam das áreas do interior, e grande foi o número de fazendas de açúcar que empregaram esse tipo de mão-de-obra⁷².

Além da relação contratual, outros aspectos diferenciavam os trabalhadores temporários dos trabalhadores fixos na Usina Dom João. O tipo de moradia era um elemento que estabelecia essa diferenciação. Os trabalhadores temporários ficavam alojados em dois pavimentos localizados na sede da Usina, os chamados “barracões”, que foram caracterizados nos depoimentos:

E tinha os barracões. Aqueles alojamentos, que eles fazem aqueles casarão e divide os quartos. Aquele também que vinha ficava os cortadores de cana também, eles denominavam de barracões. Porque vinha muita gente de fora, que na época do inverno eles vinham trabalhar limpando cana. Pra limpar cana na época do inverno, eles vinham trabalhar, o pessoal do sertão. Vinha muita gente trabalhar. Aqueles famosos barracões é que tinha tipo um alojamento né? Aí vinha aquele povo de fora trabalhar. Aí, porque eles eram avulsos, trabalhava como avulsos, vinham trabalhar e voltavam. Então, os barracões ficava já prontos esperando só a volta deles⁷³.

⁷¹ Depoimento de José Joaquim dos Santos Penas. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005.

⁷² FRAGA FILHO, Walter. Encruzilhadas da liberdade: histórias e trajetórias de escravos e libertos na Bahia: 1870-1910. São Paulo, Unicamp, Tese de Doutorado, 2004, p. 29, 31.

⁷³ Depoimento de José Joaquim dos Santos Pena. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005.

Os barracões era o seguinte: era aquele povo que muitas das vezes na época de moagem, todo o pessoal era concentrado na época de moagem. Então, ficava desprotegido área de plantio, área de destoca. Destoca é quando corta a cana, às vezes tem mato dentro do tabuleiro, então aqueles homens vinha destovendo tudo direitinho. Então, por não ter o pessoal da própria usina não dar conta do trabalho da moagem, então vinha os sertanejos do sertão pra limpar a cana e plantar. Então, a usina não tinha casa disponível pra ficar na fazenda trinta, quarenta 40 homens. Então, tinha aqueles barracões cobertos, direitinho, né? Ali era onde esse pessoal ficava (...) Porque nas casas da usina mesmo, ficava os trabalhadores efetivos com carteira ou assinada ou não⁷⁴.

As instalações dos “barracões” eram precárias. As camas eram pedaços de madeiras e as divisórias eram feitas com pedaços de panos. Vejamos o que disse uma ex-trabalhadora:

- Onde eles ficavam alojados?
- Tinha barracão, a usina tinha barracão. Porque era um vão só. Todo mundo fazia seu jirau. Era as camas no jirau que eles tinha.
- O que são camas no jirau?
- É um jirauzinho. Amarrava a corda, quer dizer eu mesmo já vi, amarrava a corda com a tábua ali todo mundo se ajeitava. Dividia o espaço com uma tábua e o pano. O barracão era uma área grande e aí, dividia com pedaços de pau pra cada um ter seu cantinho. Tinha um banheiro pra um monte de gente⁷⁵.

Os trabalhadores fixos utilizaram variadas expressões para denominar os colegas do serviço temporários: “safristas”, “sertanejos”, “pessoal extra”, “catingueiros” e “avulsos”. Todos os trabalhadores entrevistados, que fizeram referências aos “barracões”, confirmaram que se tratava de um grande alojamento precário, onde os trabalhadores móveis ficavam hospedados.

⁷⁴ Depoimento de José Marques Batista. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006.

⁷⁵ Depoimento de Raimunda Negreiros. Santo Amaro, Bahia 16 de julho de 2004.

Os trabalhadores fixos exerciam as mais variadas funções e atividades na Usina Dom João. Através da tabela abaixo, é possível verificar a variedade de funções existentes.

Tabela 2. Variedades de funções, Usina Dom João (1935-1969).

CAMPO	Administrador de campo, feitor de campo, carreiro, cerqueiro, trabalhador do campo, chamador de boi, condutor de burro.	
INDÚSTRIA	Transporte	Cabo de linha férrea, condutor de locomotiva, feitor de linha, fiscal de tráfego, foguista de locomotiva, foguista, mestre de linha, tratorista, triplista, motorista.
	Fabricação	Ajudante, balancista geral, balancista, chefe de fabricação, cozinheiro, destilador, ensacador, operário, servente, caldeireiro.
	Manutenção	Ajustador, eletricitista, ferreiro, fundidor, carapina, maquinista, oficial mecânico, soldador, tanoeiro, torneiro, turbineiro, carpinteiro, serralheiro, ferreiro, pedreiro, pintor.

Fontes: Livro de Registro de Empregados, Sociedade Agrícola Tourinho – Usina Dom João, 1935-1969; depoimentos dos diversos trabalhadores.

Os dados acima demonstram que a Usina operava com contingentes variados de trabalhadores, que se organizavam em setores distintos e interligados, e se dedicavam às atividades no campo, a parte industrial, setor de fabricação, transportes e de manutenção:

Tinha um contingente permanente que eram empregados, eram oficiais, mecânicos, torneiro, fresador, gente que trabalhava lá no setor de usina. Esses eram permanentes e tinha um pessoal extra quando moia ia tinha gente pra trabalhar no guindastes, salão de

açúcar, ensacamento de açúcar, turbina, caldeira, embarque, desembarque, aí contratava muita gente, muita gente⁷⁶.

Um último aspecto que queremos analisar neste capítulo, é sobre quais as áreas de onde se originavam os trabalhadores fixos da Usina Dom João. Os depoimentos apontam para um movimentado processo migratório entre trabalhadores de diversas áreas do Recôncavo baiano. Vejamos.

Eu nasci no dia 10 de julho de 1933. Vou fazer 72 anos. Eu nasci numa fazenda por nome Sapé de Brota. Ela fica nessa ponta da usina Aliança em Terra Nova.. Mas, eu me registrei aqui. Cheguei aqui pequeno. Vim morar num lugar por nome São Lourenço que é aqui nessa porta. De São Lourenço. Eu sair de São Lourenço vim morar num lugar por nome Gingongo. Era uma fazenda de Santa Elisa. Fiquei na usina São Lourenço, a usina São Lourenço fechou e então ficou Santa Elisa (...). Daí eu vim morar num lugar por nome Buracica menino ainda. Da Buracica eu fui pra o Cassange. Cassange é um lugar, uma fazenda daqui da Usina Dom João. Essa parte pertencia a usina Dom João⁷⁷.

O depoimento evidencia um constante deslocamento da família de um trabalhador em direção à Usina Dom João. Nascido em Terra Nova, atual município do Recôncavo baiano, o depoente se deslocou ainda criança para São Francisco do Conde. Seu avô, Domingos de Assis, trabalhava nos canaviais de Terra Nova, e inseriu o neto no trabalho rural. Não sabemos o motivo, mas o avô de Germínio, quando este ainda era criança, se deslocou para um pequeno município de nome São Lourenço, passando a trabalhar na Usina São Lourenço. Em pouco tempo passou a trabalhar na Usina Santa Elisa, localizada no município de Santo Amaro. O último deslocamento do avô de Germínio aconteceu quando este deixou Santo Amaro e foi para São Francisco do Conde, trabalhar na Usina Dom João.

⁷⁶ Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia 10 de outubro de 2004.

⁷⁷ Depoimento de Germínio dos Santos João. São Francisco do Conde, Bahia, 24 de janeiro de 2005.

A memória de Germínio não permite detalhar os motivos que levaram seu avô a se deslocar de um município a outro, porém, ficou evidente o processo de deslocamento da área de origem para outras áreas em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Parte dos trabalhadores admitidos pela Usina era proveniente de outras usinas do Recôncavo baiano. Provavelmente, esse tipo de deslocamento de uma usina em direção a outra se dava por causa de uma melhor oferta de salário ou de condições de trabalho. Abaixo, transcrevemos alguns trechos sobre esses deslocamentos:

Eu sou de Santo Amaro. Nasci lá. Comecei lá trabalhando na Usina São Bento. Depois eu fui pra Terra Nova trabalhar na usina São Carlos. Lá em São Carlos trabalhei seis anos e pouco. Da São Carlos eu vim pra aqui pra Dom João, isso foi em 56⁷⁸.

A gente morava no Rio Fundo, então ele (o esposo) morava numa fazenda em Terra Nova, então ele era uma pessoa muito estudada, (...), então ele teve o convite pra vim trabalhar aqui, pra ser balancista depois administrador, depois (...) a letra dele era muito bonita, então, estudava bem, conversava bem, então o dono da usina aí, passou os dados pra ele, pra ele trabalhar no escritório. Porque ele tinha mais informação, tinha mais cuidado com o pessoal e fazia as notas pra o caminhão de açúcar, pra esse mundo de gente (...), ele fazia, ele dava a ordem, aí ele ficou o tempo todo até morrer⁷⁹.

Eu nasci aqui em Santo Amaro. Com 6 anos fui para uma fazenda Wanick, é encostada. Tem Marapé e tem a fazenda Wanick que é encostada. Eu me mudei pra fazenda Wanick do tenente Sá Barreto – Manoel Teodoro de Sá Barreto - que já morreu. Então, eu fui criado lá, nessa fazenda. Depois fui com meu pai para Dom João com a idade de 8 anos. Meu pai de chamava Casemiro dos Santos. E trabalhava no campo. Cortando cana, limpando cana, cavando coveta⁸⁰.

⁷⁸ Depoimento de Cirilo dos Santos. São Francisco do Conde, Bahia, 14 de julho de 2004.

⁷⁹ Depoimento de José Joaquim Santos Pena e Gildete Santos Pena, filho e esposa de ex-auxiliar de escritório da usina D. João. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005.

⁸⁰ Depoimento de Mateus Evangelista dos Santos. Santo Amaro, Bahia, 29 de setembro de 2004.

Para saber mais sobre de quais áreas parte os trabalhadores se originavam, recorreremos às fichas de registro de empregados da Usina Dom João referente ao período de 1909 à 1969. As fichas trazem dados precisos, que ajudaram a conhecer parte dos itinerários dos trabalhadores que se deslocaram para São Francisco do Conde ao longo daqueles anos. A partir delas, foi possível encontrar trabalhadores fixos que estavam migrando em direção à Usina.

Sobre o período de 1909 à 1969, localizamos 602 fichas de trabalhadores, registrados nas mais diferentes funções, e em todos os setores, como transportes, indústria, agrícola, escritório e administração. Do número total, averiguamos que 29,9% eram oriundos de São Francisco do Conde; 18,5% eram de Santo Amaro; 8,7% de Terra Nova; 6,8% de Cachoeira e 7% de São Sebastião do Passé. Verificamos que 70,9% dos trabalhadores eram oriundos das áreas denominadas “circuitos do açúcar”, e justamente eram nessas áreas que estavam localizadas as principais usinas do Recôncavo baiano. Constatamos também que os 21,1% eram oriundos de diversas áreas do interior da Bahia, como Santo Estevão, São Felipe e Nazaré das Farinhas, dentre outros. Eram provenientes também de Salvador, e de Estados, como Alagoas. Sobre os 8% restantes, não consta o local onde nasceram.

A seguir, veremos outros aspectos do trabalho e das condições materiais de existência, vivenciadas, pelos trabalhadores fixos da Usina Dom João.

Moradia e o sistema de alimentação na Usina Dom João

Na Usina Dom João, os trabalhadores fixos podiam ou não ter registro na carteira de trabalho. Assim, os operários, aqueles que trabalhavam principalmente no setor industrial da Usina, tinham suas carteiras assinadas. Esse é um direito que os trabalhadores do campo só obtiveram a partir de 1963, com o Estatuto do Trabalhador Rural. Os trabalhadores permanentes residiam na sede da Usina – em sua maioria - e nas fazendas produtoras de cana. Moravam em casas cedidas pela Usina.

José Sérgio Leite Lopes, ao tratar das condições de vida e trabalho dos operários das usinas açucareiras de Pernambuco afirma que:

Dentre os operários fixos, grande parte deles mora em casas da própria usina, próxima à planta fabril. Um dos traços distintivos das usinas de açúcar, ao menos no Nordeste, é a formação de um bairro operário nas proximidades da fábrica, um aglomerado de casas de propriedade da usina para usufruto de seus operários permanentes. Essa ligação direta entre o domínio de sua moradia faz com que tanto o “tempo livre” do trabalhador do açúcar, quanto às condições de sua moradia seja fortemente determinado por sua inserção específica no processo de produção da usina⁸¹.

Desse modo, vemos que na Usina Dom João, as residências dos trabalhadores ficavam localizadas no interior da planta fabril e das propriedades produtoras de cana-de-açúcar, e isso é um indício de que tanto os aspectos da vida profissional, quanto os da vida pessoal, se entrelaçavam, uma vez que as moradias eram cedidas pela empresa. Através da Certidão de Registro de Imóveis e Hipotecas foi possível conhecer algumas das características das casas da sede da Usina onde os trabalhadores fixos residiam:

⁸¹ Leite Lopes, José Sérgio. *O Vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 12.

O edifício da usina Dom João, construído de alvenaria e tijolos, coberto de telhas de eternite, zinco e telhas de barro; três casas construídas de alvenaria e tijolos, coberta de telhas, destinada a gerente e funcionários de categoria; cento e três casas construídas de alvenaria e taipa, coberta de telhas, destinadas aos operários; um barracão, construído de alvenaria e tijolos, coberto de zinco destinado a abrigo de carros e tratores; três barracões construídos de alvenaria e tijolos, cobertos de zinco, destinados à oficina, carpintaria e abrigo de locomotivas⁸².

A partir dessa documentação, percebe-se que na grande área onde funcionava a Usina Dom João, as casas eram cedidas de acordo com a ocupação do trabalhador na empresa. As casas “construídas de alvenaria e tijolos e coberta com telhas” eram ocupadas por funcionários com cargos hierarquicamente superiores, ou seja, os cargos de confiança, que atuavam no setor da administração e do escritório, incluindo o gerente e o administrador geral.

As cento e três casas de alvenaria e taipa, cobertas com telhas, eram ocupadas por trabalhadores das mais diferentes funções. A ocupação variava conforme o tamanho da família e função do trabalhador na Usina. Além disso, estavam distribuídas em diferentes ruas, na Dom João. A organização das ruas variava também de acordo com a função exercida na empresa:

- Tinha as casas onde os trabalhadores moravam próximos uns dos outros. O pessoal do escritório morava na mesma rua do trabalhador do campo? Como era?

- Não. Era separado. Tinha a rua chamada Rua do Tijolo que morava o pessoal do campo. A Rua do Tijolo, a Rua do Prédio essa tinha o colégio, essas aí, morava o pessoal do campo.

A rua que a gente morava era Rua do Tamarindo. Essa rua aí, a Rua do Tamarindo era que morava o pessoal que trabalhava na usina.

A Rua das Palmeiras também era o pessoal que trabalhava na usina. A Rua da Amêndoa também morava o pessoal da usina.

⁸² Livro de Notas de Tabelaio, nº 15.636, Livro 3-Z, folhas 126, 07 de julho de 1971. Sessão de Registro de Imóveis e Hipotecas, Santo Amaro, Bahia.

Tinha uma rua lá que eu me esqueci o nome dessa rua. A Rua do Mangue que era chamada de Rua da Linha, chamava Rua da Linha, que é onde passava as máquinas com os vagões de cana, a Maria Fumaça. E tinha os barracões, aqueles alojamentos que chamava alojamentos que eles fazem aqueles casarão e divide os quartos (...) A rua que eu morava tinha 10 casas. Era a que ficava próximo a usina⁸³.

Pudemos averiguar que as casas eram cedidas de forma desigual aos trabalhadores do campo e aos operários dos demais setores. Isso reforçava uma diferenciação social, sentida pelos trabalhadores, uma vez que na prática, *“a rua do pessoal da usina era uma e a do pessoal do campo era outra”*⁸⁴. Sobre isso, relatam, ainda, que:

Tinha as ruas separadas. Tinha a rua do pessoal da usina e tinha a rua do pessoal do campo. (...) até hoje ainda tem os pés de palmeiras grandes, após ali naquele lado ali tinha uma rua direto que dava pra sair em frente (...) e tinha aquelas casas bonitas, aquelas casas tudo grande que era onde morava o povo da usina, entendeu? E cá pra cima tinha a rua do campo, onde morava os trabalhadores do campo, era os trabalhadores que dava uma duro pelos canaviais cortando cana, limpando cana, enchendo vagão era assim. E o povo de lá da usina era de dentro do escritório, essas coisas assim (...) carteira.

As casas eram de tijolo também (...) era uma rua também, mas só que não era como a rua do pessoal da usina. A rua do pessoal da usina era melhor, era mais arrumadinha, ajeitadinha. Mas, a rua de cá de cima do campo tinha sanitário e a da gente não tinha nada disso. A do pessoal do campo não tinha nada disso, quem queria fazer seus negócios fazia lá pra baixo, fazia naquele banheiro doído de lona, de qualquer jeito, era assim⁸⁵.

Os trabalhadores com maior qualificação tinham acesso às casas maiores e bem localizadas. Assim, a função do trabalhador na Usina era um fator determinante na cessão da moradia. Outro tipo de moradia que não podemos deixar de ressaltar, são as

⁸³ Depoimento de Gildete Santos Pena. São Francisco do Conde, 30 de novembro de 2005.

⁸⁴ Depoimento de José Barbosa. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006.

⁸⁵ Depoimento de Lourdes Barbosa, São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006.

residências dos trabalhadores das fazendas pertencentes à Usina Dom João, ou seja, os trabalhadores do campo. Conforme mencionamos, nas fazendas de açúcar, a mão-de-obra utilizada era a do trabalhador de campo. Nelas, as casas ficavam próximas umas as outras no sentido geminado.

Walfredo Chaves, nascido em 1936, trabalhador rural, morou juntamente com sua família numas das fazendas de cana pertencente à Usina Dom João, o Engenho Santo Antonio do Riacho das Pedras, também conhecido como Macaco. Sobre a estrutura das casas, Walfredo contou o seguinte:

- O senhor juntamente com sua família trabalhou e morou no Macaco durante esse tempo. Como era a condição de moradia? Como era a casa do senhor?

- A casa era de barro mesmo coberta até de sapé. Sabe o que é sapé?

- É palha.

- Após, era sapé, pitomba de coco. Sabe o que é pitomba de coco? A casa era assim.

- E a casa tinha quantos cômodos?

- Era dois, às vezes tinha três quando a família era muito grande. Mas a maioria das casas era dois no máximo. E sala e cozinha⁸⁶.

Vemos que as condições de moradia dos trabalhadores rurais, que residiam nas propriedades agrícolas, eram inferiores às casas dos trabalhadores que moravam na sede. Como podemos perceber, os trabalhadores rurais moravam em casas pequenas e com péssimas condições de instalações. Casas feitas de sapé pelos próprios trabalhadores e com chão batido de barro.

⁸⁶ Depoimento de Walfredo Chaves. São Francisco do Conde Bahia, 14 de julho de 2004.

Figura 8. Casas de trabalhadores da cana-de-açúcar na Bahia.



A área da Usina Dom João, e, suas fazendas de cana-de-açúcar, foram, conforme citamos anteriormente, em sua maioria, antigos engenhos, que com o processo de modernização açucareira ficaram impossibilitados de concorrer com as usinas e foram sendo vendidos aos usineiros. Essas áreas eram formadas por recursos naturais, como o massapé - considerado um dos solos mais férteis - os rios, mangues, etc. Esses recursos naturais possibilitavam o desenvolvimento de atividades independentes⁸⁷.

⁸⁷ Sobre estudos que ressaltam o cultivo de gêneros de subsistência em engenhos ver Walter Fraga Filho, Nas encruzilhadas da liberdade: histórias e trajetórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910,

Assim, a Usina concedia aos trabalhadores fixos pedaços de terras, para plantarem gêneros de subsistência como aipim, milho, quiabo, tomate e outras verduras. Segundo um trabalhador “*todo morador tinha direito a uma tarefa de terra ou duas ou três de acordo com que ele pudesse pra plantar a sua roça na terra usina*”⁸⁸.

O cultivo das roças próprias servia para complementar os baixos salários que os trabalhadores recebiam. Fatores variados favoreciam a concessão de um pedaço de terra para o cultivo próprio. Servia também como uma espécie de premiação, pois, alguns trabalhadores recebiam pedaços de terras conforme o comportamento no trabalho. O número de componentes de uma mesma família era um fator que influenciava também, pois aqueles que tinham uma grande prole tinham direito a um pedaço de terra maior para plantar. As roças contribuía diretamente no consumo familiar. Alguns trabalhadores vendiam na feira parte de sua produção, e ceder um pedaço de terras para plantio de gêneros alimentícios era uma prática comum na Usina Dom João.

Além de plantar, os trabalhadores podiam criar alguns animais, como galinhas e porcos, geralmente. O trabalho nos roçados era compartilhado pelos membros da família, e os pais inseriam os filhos nas atividades de cuidar deles.

Os relatos dos ex-trabalhadores revelam também a existência de um grande armazém, que abastecia os funcionários da Usina e das fazendas. O armazém vendia uma variedade de produtos desde alimentação até vestuário:

Às vezes atrasava o pagamento, mas a usina mantinha um armazém sortido de tudo. Era até remédio, livros, fazendas (tecidos) e etc que abastecia os trabalhadores⁸⁹.

Campinas, São Paulo, 2004, p. 31-35; Miguel Calmon Du Pin e Almeida, Ensaio sobre o fabrico do açúcar, Salvador, FIEB, 2002, pp. 58-65.

⁸⁸ Depoimento de Ângelo Gomes de Souza. São Francisco do Conde, Bahia, 26 de janeiro de 2006.

⁸⁹ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 15 de abril de 2004.

O armazém, de propriedade da Usina, além de abastecer seus próprios trabalhadores abastecia trabalhadores de outras propriedades agrícolas mais próximas. Entretanto, o ponto que queremos ressaltar sobre o armazém é a sua relação com o cotidiano dos trabalhadores. A maior parte das vendas se processava através do “sistema de vales” ou “da caderneta”, que consistia vender os produtos “fiados”, e, no final de cada quinzena de pagamento, descontar do salário do trabalhador:

Naquele tempo o pessoal pobre (os trabalhadores do campo) vivia de vale. O dinheiro era vale. Você (o trabalhador)] chegava pra comer, eles trabalhava hoje, meio-dia, uma hora da tarde eles com a barriga vazia, o estômago roncando vieram ao administrador pra dar um vale pra eles ir pro armazém, pra venda pra comprar comida pra comer⁹⁰.

Segundo depoimentos, quando chegava o dia de pagamento de salários, muitos trabalhadores não tinham o que receber. Outros ficavam na situação de devedores da Usina. Entre os que ficavam reféns do sistema de vales do armazém, a maioria era de trabalhadores do campo.

⁹⁰ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 15 de abril de 2004.

Figura 9. Vales para compra de gêneros alimentícios no armazém da usina Dom João.

Usina Dom João
Engenho Macaco

Fólia N.º 11 NCr\$ 1600

Vale dezenas
(Angelino Ribeiro)

Dom João, de 3 de 1968

Usina Dom João
Engenho Gurgainha

Fólia N.º 13 Cr\$ 1000

Vale dezenas
(Angelino Ribeiro)

Dom João, de 3 de 1968

Figura 10. Comprovante de pagamento de salário, Usina Dom João.

USINA DOM JOÃO

Nome Angelino Ribeiro

Secção macaco Fólia N.º 26

Pagamento em 26/ 8/ 67 N.º 01

Horas Salário..... Salário \$ 35,10

I.N.P.S. \$.....

H. H.

Adiantamento

Sindicato 0,20

Açougue

Armazem 20,00

Empréstimo

Total dos descontos: 490

Saldo NCR\$

PAGADOR

O sistema de vales, através da venda de gêneros alimentícios do armazém, ganhou as páginas do jornal *O Momento*. O noticiário, que tinha o seguinte título: *“Regime do ‘cacete armado’ e da exploração semi-feudal. Na usina Dom João o coronel Rodolfo Tourinho é a lei. Não há carteira assinada para os trabalhadores. Salários miseráveis e os trabalhadores não vêem dinheiro há 4 meses”*, informava o seguinte:

Iniciaremos hoje a publicação de uma série de reportagens sobre as usinas de açúcar, onde são vítimas da mais negra exploração semi-feudal milhares e milhares de trabalhadores. Com essas reportagens focalizaremos a situação desses trabalhadores que vivem esmagados sob o peso da exploração nos feudos da S. A Magalhães, e de outros latifundiários do Recôncavo.

Hoje abordaremos da Usina Dom João, do latifundiário Adolfo Tourinho. Na Usina Dom João, de propriedade do grande latifundiário “coronel” Adolfo Tourinho o que sucede é verdadeiramente de pasmar. Ali trabalham cerca de 60 homens que com as suas respectivas famílias passam as piores necessidades. Devido principalmente do seu trabalho os homens e mulheres e principalmente crianças, ofereceu às pessoas que por ali transitam o mais impressionante quadro: homens famintos, mulheres cadavéricas, crianças semi-nuas e debilitadas.

A primeira coisa dos que mais odeiam os trabalhadores da Dom João é o chamado “cacete armado” que se ergue nos fundos da usina com um sinistro sinal de exploração medieval. Ali no “cacete armado” – ou barracão, como outras pessoas preferem chamar – os trabalhadores deixam todas as suas economias ou recebem como pagamento do trabalho que realizam o que existe de pior em matéria de gêneros alimentícios, roupas, etc. Essa tendência do pagamento do trabalho em gêneros, vem se acentuando ultimamente e há mais de quatro meses que sequer não tem (...), ultimamente, os trabalhadores da D. João. Dentro de pouco tempo a partir de setembro, quando se inicia a safra, essa situação atingirá cerca de 300 trabalhadores.

Mas é preciso que mostremos mais claramente o que representa o tal “cacete armado”. Vejamos os preços que são cobrados ali, por gêneros deteriorados, misturados com outros, enfim no que há de pior.

Café (sempre misturado com milho) Cr\$ 12,00
Carne do sertão (nem sempre boa) Cr\$ 16,00

Farinha de segunda..... Cr\$ 1,30
 Açúcar Cr\$ 3,20
 Leite (comprado uma légua e meia de distância, com 50% de água incluindo viagem do portador desde que não podem deixar o trabalho) Cr\$ 12,00
 Feijão (quase sempre bichado) Cr\$ 3,00
 Carne de boi (mais osso do que carne) Cr\$ 6,00

Podemos agora avaliar o que seja esse tal de “cacete armado” a que se submetirão mais de 300 homens a partir de setembro, na Usina Dom João⁹¹.

A partir da matéria veiculada pelo jornal comunista *O Momento*, é possível apontar alguns pontos importantes. O articulista denunciou as condições dos trabalhadores do campo da Usina e de suas fazendas de cana-de-açúcar. Mesmo que o tom da matéria possa até ser considerado exagerado, a denúncia parece procedente, pois, grande parte dos trabalhadores do campo, incluindo mulheres e crianças, trabalhavam em péssimas condições. O jornal descreveu os trabalhadores como “*homens famintos, mulheres cadavéricas, crianças semi-nuas e debilitadas*”, por causa da escassez de alimentos. Para o articulista, o principal culpado pela péssima alimentação dos trabalhadores era o coronel Rodolfo Tourinho, proprietário da Usina Dom João, que vendia alimentos, sem qualidade e a altos preços, aos seus trabalhadores.

O armazém foi caracterizado pelo jornal como um “barracão”, ou seja, um depósito onde os trabalhadores, principalmente do campo, compravam produtos, especialmente, gêneros alimentícios. Com efeito, no “barracão” ou “cacete armado”, esses trabalhadores deixavam suas economias e seus salários, e, ainda, parte dos salários pagos aos trabalhadores rurais eram realizados através de comida.

⁹¹ Jornal *O Momento*, 12 de agosto de 1948, p. 3. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Inferimos que o armazém da Usina possuía algumas semelhanças com os “barracões” existentes nos engenhos de açúcar de Pernambuco, estudados por Moacir Palmeira, e Lygia Sigaud, na década de 1970⁹².

As crianças a que o jornal *O Momento* faz referências, são os meninos que trabalhavam descalços, com poucas roupas, segundo relatos da maioria dos trabalhadores que adentraram no mundo do trabalho açucareiro a partir da infância. As peças básicas que compunha o figurino do trabalho no campo eram shorts feitos de panos de sacos de açúcar, na maioria das vezes. Alguns trabalhavam com fome, como foi o caso de Angelino Ribeiro, trabalhador rural desde a infância, como veremos mais adiante seu depoimento na íntegra.

- Quando eu comecei a trabalhar na usina Dom João foi chamando boi na idade de meus 10 anos, 11 anos. Eu acordava quatro, cinco horas da manhã. Muitas vezes nem café tomava que nas casa da gente as comidas era bem pouca, a gente saía até com fome e levava farinha seca enrolada num paninho, pra comer quando tava puxando o boi⁹³.

A denúncia do jornal coincide também com a experiência que Walfredo Chaves, trabalhador rural vivenciou quando trabalhava desde a infância, no campo:

Há muitos anos que eu comecei a trabalhar. Com a idade de 10 anos, eu já tava trabalhando. Lá na Dom João com 10 anos, do

⁹² Para maiores sobre os barracões ver Moacir Palmeira, *Feira e mudança econômica*. Simpósio de Pesquisa do Programa de Pós-graduação Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1970; Lygia Sigaud, *Os clandestinos e os direitos: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades, 1979. Ambas as pesquisas realizadas na década de 1970 na zona da mata de Pernambuco fizeram parte do Projeto “Estudos Comparativo do Desenvolvimento Regional” do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁹³ Depoimento de Angelino Ribeiro. São Francisco do Conde, Bahia, 27 de julho de 2004.

tamanho desses meninos assim. Eu ia arrastar as sementes nas costas por lado de fora que não (...) no inverno, puxar as sementes assim nas costas (...) pro animal apanhar.

Eu acordava quatro, cinco horas da manhã, tomava café. Era banana verde cozida, peixe assado com farinha seca.

Eu comia farinha seca meio-dia, bebia um gole de água, (...) um pedacinho de carne de sertão assada com farinha seca, com uma farofa de azeite de dendê pra comer. Trabalhava era descalço e roupa era pouca e feita de saco de açúcar⁹⁴.

Analisando conjuntamente as denúncias do jornal, com os depoimentos de trabalhadores que iniciaram suas atividades desde a infância, é possível evidenciar as difíceis e precárias condições de trabalho vivenciadas, principalmente no campo. O levantamento de tais informações elucida aspectos importantes das condições materiais de existência a que estavam sujeitos os trabalhadores. Os roçados ajudavam no orçamento familiar, mas não resolviam o problema dos baixos salários e da escassez de alimentos, tão presentes no dia a dia dos trabalhadores, principalmente do trabalhador do campo.

Depoimentos revelaram o que seria o “cacete armado” citado na denúncia do jornal *O Momento*. Segundo alguns trabalhadores, o “cacete armado” era o termo que eles utilizavam para referi-se ao armazém da Usina, quando este vendia alguns gêneros alimentícios de péssima qualidade e algumas vezes estragados. As melhores mercadorias ficavam para os trabalhadores que exerciam função de prestígio dentro da Usina. Assim, a farinha mais torrada, mais fina, era vendida exclusivamente para o trabalhador com função superior. Raras não foram às vezes, que muitos compraram carne seca com mau cheiro e farinha com caroços enormes.

E, uma vez que, no grande armazém da Usina, o usineiro disponibilizava mercadorias pagas através do abatimento dos salários dos trabalhadores e predominavam os altos preços, crescia e consolidava-se o endividamento dos

⁹⁴ Depoimento de Walfredo Chaves. São Francisco do Conde, Bahia, 14 de julho de 2004.

trabalhadores diante do patrão. Portanto, grande parte dos salários não era recebida em dinheiro, mas através de vales que eram trocados por mercadorias. Isto resultava no que José Sérgio Leite Lopes chama de “imobilização da mão-de-obra”. A prática do “sistema de vales” no armazém ou “barracão” da Usina também se aproxima em alguns aspectos do padrão dos engenhos de açúcar da zona da mata de Pernambuco estudados por Moacir Palmeira e Lygia Sigaud, conforme citamos em linhas anteriores.

O trabalho na Usina de açúcar dividia-se pela unidade industrial, a unidade administrativa e as fazendas, responsáveis pelo fornecimento da cana-de-açúcar. Conforme mencionamos, agregava um contingente variado de trabalhadores, que estavam dispersos nas mais diferentes funções. É em torno de algumas dessas funções, especialmente, as do campo que iremos nos ater a seguir.

Trabalho na lavoura açucareira: atividades e hierarquias

Numericamente, a maior parte da mão-de-obra da Usina Dom João era formada por trabalhadores do campo. Contratava-se trabalhadores fixos e temporários. O trabalhador do campo, tanto na condição de fixo, como na de temporário, exercia as mais variadas tarefas: fazia a limpa, que consistia em limpar o terreno para o plantio; preparava o terreno para receber as mudas de cana; cortava e despalhava a cana; transportava a cana para ser pesada; fazia cercas; limpava os canaviais; amarrava olho de cana, etc. Quase todo o serviço do campo era feito a céu aberto e exposto às mudanças climáticas. Portanto, era exigia esforço e resistência física do trabalhador.

Figura 11. Cotidiano do trabalho no canavial depois da queimada. Trabalhadores cortando e despalhando cana. Transporte da cana em burro de carga. Usina Dom João (década de 40).



O trabalho no campo estava organizado na seguinte hierarquia: (1) Administrador; (2) feitor; (3) carreiro ou vaqueiro; (4) trabalhador do campo ou trabalhador rural.

O administrador de campo era responsável pela administração da fazenda de cana. Sua principal atribuição era fiscalizar todo o trabalho na propriedade agrícola, e para ser administrador, era necessário ter algumas habilidades como saber ler, escrever e fazer contas. Era uma função que tinha prestígio, e quem exercia era um homem de confiança, escolhido pelo proprietário da Usina. Além disso:

Os administradores também tinham o seu feitor que era o auxiliar. O administrador cuidava do campo. Ele morava na propriedade onde ele administrava. Ele não morava na sede, não da usina, não. Ele morava na propriedade onde ele administrava. Dia e noite permanente lá. Ele e o feitor comandavam uma equipe de trabalhadores, entendeu? Também ele botava pra dentro, botava pra fora. Disciplinava o cara que errava. Ele punia. Na época dependendo do fato, do ato praticado até mandava embora. Avisava a empresa que aquele trabalhador não podia ficar mais por isso e por aquilo e por aquilo outro. A empresa acatava, lógico. O administrador tinha os poderes na sua propriedade⁹⁵.

O administrador tinha poderes na propriedade que administrava, podia aplicar disciplina, “*botava pra dentro, botava pra fora*”, segundo as palavras do depoente, ou seja, podia admitir ou demitir trabalhadores. Possuía vantagens ou “*regalias*”, como ter à sua disposição um ou dois serventes que lhe auxiliava em diversas tarefas, como pegar e selar o cavalo, alimentar o animal, levar recados, etc. Era o administrador que autorizava a liberação dos vales para o trabalhador comprar no armazém da Usina.

A entrevista seguinte ilustra bem a descrição dos direitos e atribuições do administrador de campo:

⁹⁵ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de janeiro de 2004.

- O administrador morava na fazenda e nessa fazenda ele tinha o auxílio de quantos feitores?
- Dependendo do tamanho da fazenda podia ter dois feitores. A maioria tinha um feitor e um vaqueiro. O vaqueiro cuida de animais – o gado - porque as fazendas naquele tempo tinham carro de boi. Tinha muitos bois que a gente chamava naquele tempo “boi de brocha” que é o boi de carro que puxava os carros. Mas tinha algumas fazendas que era mista, tinha também o gado de cria e aí, tinha o vaqueiro que cuidava do gado, de animais burros, cavalos, gados e etc, que era a montaria do administrador. Esse setor tinha uma pessoa específica.
- O administrador de campo tinha podia contratar o trabalhador que quisesse?
- Na maioria das vezes. Um trabalhador vinha de outra propriedade, pedia “eu quero uma casa pra morar. Eu venho de tal fazenda me aborreci lá, não deu mais pra eu ficar lá, eu quero que o senhor me dê uma casa aqui”. Aí, ele (o administrador) não precisava consultar ninguém. Tinha uma casa vazia, a gente (administrador) dava uma casa vazia. Depois relacionava. Fazíamos relações quinzenais dando o número de animais às vezes até a aquisição do trabalhador.
- Essas “relações” eram o quê?
- Relações de bens da propriedade porque você tem a relação de animais. Tinha o criatório, se um boi, um cavalo morreu de quinze em quinze dias fazia essas relações pra saber como se comportava, como tava se comportando⁹⁶.

Portanto, o administrador possuía carteira assinada e era a função de maior prestígio na Usina e em suas fazendas de cana. Na linha hierárquica, o feitor vinha depois do administrador de campo. Sua principal atribuição era lidar diretamente com os trabalhadores do campo: observar, orientar e avaliar o trabalho. Assim, como no caso do administrador, a função de feitor exigia algumas habilidades como saber ler, escrever e fazer contas. O feitor fazia anotações do serviço e controlava a frequência dos trabalhadores:

Tinha o administrador e tinha o feitor. O feitor era quem levava as diárias com o nome do pessoal pra passar pra folha de pagamento, todos os dias ele fazia isso. Tinha que ir no escritório entregar

⁹⁶ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de janeiro de 2006.

aquela diária e gente passava pra folha, na quinzena somava ali dia por dia⁹⁷.

(...), por exemplo, os administradores de fazenda e feitores. Porque depois do administrador nessas fazendas tinha o feitor. Nos canaviais de fazenda que tinha a cana-de-açúcar o mandatário da fazenda era o administrador depois vinha o feitor. Então, o feitor era quem corria os canaviais todo e sabia quantos trabalhadores tinha na fazenda cotando cana, limpando cana⁹⁸.

Vejamos o relato de um trabalhador que teve a experiência ser feitor. Trata-se de Walfredo Chaves, 74 anos de idade na época da entrevista, começou a trabalhar na Usina desde a infância, como trabalhador rural. Posteriormente, exerceu a função de feitor de campo, durante os últimos anos de funcionamento da Usina. Walfredo nos contou que o feitor tinha as seguintes atribuições:

Feitor era pra medir serviço com vara, uma vara de 2 metros, um metro e quarenta, tá entendendo? Media a cubar, cubar era ver quanto a pessoa fazia por dia, se fez cinco tarefas (...) se fez dez, se fez oito, se fez sete ou quem fez um. Esse aí é por produção, que um produzia mais que o outro. Que um fazia cinco, outro fazia seis, outro fazia sete. Todo dia eu tinha que medir, todo dia eu tinha que fazer conta⁹⁹.

O feitor fiscalizava todo o serviço e liderava a turma do campo. Sua função tinha certo prestígio, pois o mesmo possuía algumas vantagens, como por exemplo, um cavalo, alguns animais de criação e carteira assinada. O feitor era uma espécie de assistente do administrador. Como o administrador, o feitor também tinha também poder de comando. Podia levar queixas e conflitos dos trabalhadores ao administrador.

⁹⁷ Depoimento de Raimunda Negreiros. Santo Amaro, Bahia, 16 de julho de 2004.

⁹⁸ Depoimento de José Joaquim Santos Pena. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005.

⁹⁹ Depoimento de Walfredo Chaves. São Francisco do Conde, Bahia, 14 de julho de 2004.

Figura 12. Administrador e feitor. Usina Dom João (década de 40)



Na hierarquia do trabalho no campo, depois do feitor estava o carreiro. Carreiro era aquele trabalhador que cuidava, fiscalizava e trabalhava com animais, que nesse caso, eram os bois, burros e mulas, responsáveis pelo transporte da cana no campo. Histórias sobre maus-tratos no campo referindo-se aos carreiros, em sua maioria, abundam nos depoimentos de ex-trabalhadores. Parte dos trabalhadores que iniciaram suas atividades desde a infância na Usina nos contaram que, muitos carreiros eram homens agressivos, de temperamento colérico, que não tinham muita paciência

com os meninos, principalmente aqueles que não tinham pai ou mãe. Muitas são as histórias narradas sobre a violência praticada pelos carreiros, contra os meninos que trabalhavam no campo. Muitos recebiam tapas e xingamentos. Os animais, como o boi e o burro também não ficavam de fora. Eram maltratados, espancados e até torturados por alguns carreiros. Vejamos alguns relatos:

-Tinha uns que maltratavam os burros. Cortava no manguá. Tirava sangue, compreendeu?

- O que era “cortar no manguá”?

- Bater forte no maguá. Por no tronco aí pá, pá, pá, batendo ali. Batendo, o burro carregado, aí o cara pá cortava. O manguá duro batia com o couro duro batia na pele do animal, batia na pele mais fina cortava, sangrava, tá entendendo?

O carreiro furava o boi pra sair sangue e escorrer. Às vezes pegava num vaso. Tinha boi que ficava com o lado todo preto de sangue e a gente brigava: “seu boi de couro tá assim, seu boi dianteira tá assim, não faça isso”. Furava aqui no [...] sangrava mesmo. Todas essas malvadezas existia. Às vezes muitos burros [inaudível] carregava demais, colocava um peso fora da capacidade do burro, aí o burro esquartejava, caía, abria as pernas [...] chamava-se sonçava [quando o boi arriava por não agüentar o excesso de peso]. Termos da época. Muitos burros arriavam, tendiam.

- Porque eles faziam essa malvadeza com os burros?

- O burro às vezes reagia. Tem burro dócil atende bem, tem burros que é malvado e bate. Você passa pra ele assenta o pé e lhe dá coice. Tem burro que você passa debaixo da barriga, não ta dizendo nada pra ele, você monta nele. Eu mesmo tive um burro chamado “Rochedo” que na época quando eu trabalhava com burro eu pra rocha a carga eu botava o pé [inaudível] pra subir pra pegar o [inaudível]. Tem outros que você não podia chegar e encostar de junto.. Tinha burro manso e tinha burro brabo¹⁰⁰.

Além de maltratarem os meninos, os carreiros maltratavam também os animais como vimos no depoimento acima. Detalhes sobre o tratamento que os carreiros dispensavam aos meninos que trabalhavam no campo serão discutidos mais adiante.

¹⁰⁰ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

O trabalhador do campo, ou rural estavam no final da hierarquia, e realizava as mais diferentes e variadas funções, que, eram as menos valorizadas, porém, as mais procuradas pela Usina. Esses trabalhadores não tinham direito a carteira assinada, e por isso eram chamados de “não fichados” ou “avulsos”, até 1963. Do ponto de vista legal, constituíam a grande “massa invisível” da Usina:

O homem do campo, o trabalhador rural ele não tinha carteira assinada, o trabalhador rural não. Porque o trabalhador rural – como eu já lhe disse antes – ele não tinha direitos porque ele era trabalhava avulso. O trabalhador avulso é quando ele não tem a carteira assinada e o patrão não reconhece os direitos trabalhistas dele.

O trabalhador avulso ele ganha pelo que faz. Se ele colocasse uma tonelada de cana por pessoa na quinzena era aquilo que ele ia ganhar, a tonelada de cana na semana era aquilo que ele ia ganhar. Se ele enchesse cinco caminhões de cana na quinzena, ele ia ganhar aquilo, se ele trabalhasse, limpasse dez tarefas na quinzena, ele ia ganhar as dez tarefas. E outra, ainda tinha aquele lance, por exemplo, o fechamento de folha. A folha, eles trabalhavam “tal data fecha a folha”, então o que ele trabalhasse, os outros dias que ele trabalhasse, aqueles dias ele ia receber só na outra quinzena, tá entendendo? Então, eles trabalhava certos dias, aqueles dias ficava (...). Eles não tinham direitos. Naquele tempo praticamente eles não tinha direito a nada, o trabalhador do campo¹⁰¹.

Conforme mencionamos, a Usina cedia casas para seus trabalhadores fixos ou permanentes morarem. A maior parte dos trabalhadores rurais da Usina Dom João residia nas fazendas produtoras de cana-de-açúcar e podiam comprar gêneros alimentícios, e outras mercadorias, através do sistema de vale no armazém.

O trabalhador do campo não tinha direito ao salário família, ao 13º salário não tinham direito porque eles trabalhavam avulso. Agora, eles tinham o açougue pra comprar e tinha um armazém. Eles compravam pra no pagamento deles descontar em folha. Então, o administrador dava o vale a eles, aquele vale era como se fosse o cheque. Ele dizia quanto ele queria o dinheiro no vale. Por

¹⁰¹ Depoimento de José Joaquim Santos Pena. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005.

exemplo, ele dizia: “Eu quero R\$ 20,00”, aí o cara vinha, assinava, quem não sabia ler ele vinha e colocava o dedo né? e ia comprar chegando lá no armazém e no açougue aquilo ali, cara fazia a ficha dele e grampeava aquele vale, pra na quinta-feira feira, um dia antes do pagamento, o pagamento era na sexta, levar pra na hora que o administrador pagar a ele, já descontava lá na folha. Era descontado em folha. Porque aí era o administrador era que fazia o pagamento dele, o administrador. Ele não recebia dado pela usina não, o dinheiro era repassado pra o administrador da fazenda. Eles não tinha todas essas regalias não¹⁰².

Já descontava lá na folha, já vinha o desconto. Se ele comprasse, no dia do fechamento das folhas os documentos, o vale com a ficha dele já tava lá no escritório pra ser descontado. Descontava lá do escritório pra passar pra ele¹⁰³.

No serviço de corte de cana os trabalhadores utilizavam diversas ferramentas manuais, como marretas, facões, enxadas, martelletes e picaretas e estavam expostos às condições climáticas existentes, muitas vezes, desfavoráveis ao exercício do trabalho. Trabalhar nessas condições debilitava a saúde desses trabalhadores, visto que não ingeriam uma alimentação balanceada. A escassez de alimentos era comum no cotidiano deles:

Era mesmo o trabalhador do campo, o cortador de cana quando ele vai pro canavial, eles iam com uma lata de leite ninho, uma lata daquela. Pegava um pedaço de carne, de jabá – uma carne de sertão aí como a gente diz, né? – Assa, leva ao fogo de lenha na brasa, coloca um pouco de farinha, o muringo com água e levava pro campo, era a comida do cortador de cana. A comida do cortador de cana era essa: a farinha, a carne de sertão assada e a água que eles levavam no muringo. Era vida dura¹⁰⁴.

O trabalho no campo não exigia qualificação ou algumas habilidades, como saber ler e escrever, porém, exigia-se força e resistência física do trabalhador. Esse tipo

¹⁰² Depoimento de José Joaquim Santos Pena. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005.

¹⁰³ Depoimento de Gildete Santos Penas. São Francisco do Conde, 30 de novembro de 2005.

¹⁰⁴ Depoimento de José Joaquim Santos Pena. São Francisco do Conde, 30 de novembro de 2005.

de trabalho foi descrito, nas palavras de muitos ex-trabalhadores, como “pesado”, “duro” e até “amargo”:

O trabalho era amargo. A gente começava a fazer um canavial. Naquele tempo os terrenos tudo era mato. A gente não tinha o que tem hoje não. O mato era brabo a gente pegava e desmatava aquilo com um rolo de pau dessa grossura, enorme (...) dois homens assim (...) traçava uma (...) fazer fogueira e queimar toda aquela área. Pra vim o que depois? Na época nesse lugar (canavial) não entrava trator, a gente ia plantar de coveta. A coveta é um negócio que a gente faz uma cova deste tamanho, do tamanho da pra muda da cana pra caber (...) um palmo de cana dentro e cobrir. Corrido é um rego direto a gente. No lugar que dava pra fazer um corrido (...) plantava. Quando a gente terminava de desmanchar aquela mata toda, plantar, dá três, quatro limpa na cana que vai chegar a época de corte. Quando chegar na época de corte, concentrar no corte, fazer estradas pra os animais andar, pra passar, pra levar até o lugar da balança pra pesar. Que tinha lugar que tava perto e tinha lugar que tava longe. Dali a gente colhia aquela cana, levava pra balança, enchia o caminhão ou vagão ou a carreta, ou o carro de boi que fosse, pra levar pra usina. Chegava na usina descarregar, pra fazer aquela moagem. A usina tinha aquele trabalho todo, enorme! Que parece que depois que a cana chegar na usina o trabalho é pequenininho, não é não.¹⁰⁵

Conforme analisamos, para plantar matéria-prima e produzir açúcar, a Usina Dom João utilizava de um variado contingente de mão-de-obra, com pessoas que trabalhava nas fazendas agrícolas responsáveis pelo fornecimento de cana, na indústria onde transformavam a matéria-prima em açúcar. Trabalhavam nos alambiques, para a produção de cachaça, na olaria onde se produzia telhas e tijolos, nas casas onde residiam o proprietário da Usina e sua parentela, nas roças para cultivo de produtos de subsistência, no grande armazém para abastecimento local, na malha ferroviária com cerca de 10 quilômetros de linha férrea, três locomotivas com cerca de 10 vagões para o transporte de cana. Trabalhavam também nas embarcações que transportavam o açúcar

¹⁰⁵ Depoimento de Ângelo Gomes de Souza. São Francisco do Conde. 26 de janeiro de 2006.

para os centros comerciais, as mercadorias para abastecer o armazém e os materiais para a manutenção da fábrica.

Assim, fica evidente, que, para essa ampla estrutura funcionar, era preciso a atuação dos protagonistas dessa história: os trabalhadores. No capítulo seguinte iremos conhecer mais aspectos das vivências deles na Usina. Histórias e trajetórias, a partir da memória individual e coletiva dos trabalhadores, serão reconstruídas.